



Revista Água Viva

Revista de estudos literários

Sociopolítica em Vieira: O sermão como artifício de intensificação crítica

Guilherme João Cenci*

*Brada, ó pregador, e não cesses; levanta tua voz
como trombeta, desengana meu povo, anuncia-lhe
seus pecados e diz-lhe o estado em que estão
(Padre António Vieira).*

RESUMO: Este artigo focaliza o papel de intensificador crítico que os sermões de Vieira podem desempenhar nas denúncias sociopolíticas, considerando alguns elementos que o compõem, como: a voz do texto, a temática religiosa e os atos de fala austinianos. Esses elementos, por sua vez, são entendidos à luz dos conceitos bakhtinianos de monologismo e dialogismo, com destaque para o que é apresentado neste trabalho como monologismo dialógico.

ABSTRACT: This article focuses on the role of critical enhancer that Vieira's sermons may play in sociopolitical complaints, considering some elements that compose it: the voice of the text, the topic of religion and the austinian speech acts. These elements, in turn, are understood in the light of bakhtinian concepts of monologism and dialogism, with emphasis on what is presented here as dialogic monologism.

PALAVRAS-CHAVE: Vieira; sermões; sociopolítica; monologismo; dialogismo.

KEYWORDS: Vieira; sermons; sociopolitical; monologism; dialogism.

Como pregador, Antônio Vieira ganhou destaque ao aplicar a sua verve para espalhar a palavra de Deus. A habilidade criativa notada nas suas contribuições como jesuíta, diplomata, evangelizador e profeta revelam ainda a preocupação política com a sociedade na qual se inseria. Ante a corrupção e irregularidades que se faziam ver, Vieira procurou agir. Em seu púlpito, correntemente o performativo era direcionado para críticas políticas tidas como essenciais para transformar os fiéis e os governantes aos quais elas

* Aluno do Curso de Letras – UnB. Trabalho orientado pelo Prof. Dr. Augusto Rodrigues da Silva Junior (TEL/UnB) durante a disciplina “Barroco/Arcadismo” – 02/2010. E-mail: guilhermejcenci@yahoo.com.br

eram dirigidas. Como aliados para tais exercícios de denúncia, Vieira encontrou sua própria voz, a voz característica do gênero sermonístico e a fé religiosa, componentes do sermão que lhe concedem o valor de intensificador crítico.

Por voz do sermão, entende-se a maneira como é pregado o texto que o compõe. Primeiramente, não há diálogo expresso entre o pregador e a sua audiência. O público que presencia uma pregação está presente para escutá-la, mas não para se manifestar quanto ao seu conteúdo. Embora a plateia seja parte da performance, encenada no púlpito, a ela não se autoriza o falar, isto é, o opinar sobre o que está sendo dito. Como o pregador procura atingir um objetivo, seja ele a evangelização ou a denúncia de incongruências sociais, liberar a interferência do público durante a pregação poderia, certamente, mitigar o sucesso da exposição e o alcance dos objetivos de cada tema.

Essa configuração rende ao sermão uma espécie de única voz detentora da verdade. Sem interferências e oposições à transmissão de ideias, o pregador tem espaço para construir um raciocínio impecável. Desse modo, ao final de uma pregação que não enfrenta barreiras opinativas do público, o convencimento deste acerca da matéria pregada é mais facilmente atingido. Em se tratando de conteúdos sócio-políticos, esse tipo de voz dos sermões concede tenacidade às críticas, as quais assumem um ar de incontestabilidade.

No *Sermão da Sexagésima*, ficam evidentes os papéis de pregador e ouvinte e de como a este não é permitida a contestação do que o pregador aborda. Afirma Vieira que “há-de concorrer o pregador com a doutrina, persuadindo; há-de concorrer o ouvinte com o entendimento, percebendo” (VIEIRA, [1655], p. 3). Deste trecho e do restante do sermão, depreende-se que, além de a fala pertencer ao pregador, pois este concorre com a doutrina, o ouvinte é um receptor. Ao ouvinte não cabe desmentir a doutrina, mas procurar apreendê-la e se esforçar para tal, mesmo que ela não lhe pareça adequada. No trecho “o homem concorre com os olhos, que é o conhecimento” (*Idem*), a passividade do ouvinte ante o pregador surge da contraposição entre o ver e o falar, ato este dotado de mais ação.

Desse modo, eis o primeiro componente intensificador das críticas políticas em Vieira: a passividade dos receptores (no que diz respeito à construção do julgamento crítico) gerada pela voz sermonística singular. Para ilustrar melhor tal aspecto, cabe referência ao texto “Literatura e cultura: o complexo problema do dialogismo e a metodologia do sistema crítico-polifônico de Mikhail Bakhtin” (SILVA JR, 2010). Nesse artigo, ao abordar as variantes discursivas do monologismo e do dialogismo em Bakhtin, Silva Jr. enquadra Antônio Vieira como exemplo da variante *monologismo dialógico*.

Segundo o autor, o *monologismo dialógico* corresponde aos “discursos dogmáticos e/ou panfletários que são construídos com elementos polifônicos” (*Idem*). Ora, trata-se de Vieira pelo fato de, nos sermões, o jesuíta pregar como se o que dissesse correspondesse à última palavra, o que remete a ideia de *monologismo* (SILVA JR, 2010). O *dialógico*, por sua vez, traz à tona os *elementos polifônicos* presentes na definição acima. Isso significa dizer que, para construir seu monologismo sermonístico, Vieira lança mão de dados históricos, de outros autores gentios e, epifrasicamente, da Sagrada Escritura para fornecer volume à voz doutrinária única.

Apesar desse diálogo com outras fontes de conhecimento, os sermões vierianos, vale frisar, não dialogam explicitamente com o público a que se destinam, no que tange à sua construção. Em razão disso, ainda há a predominância do monologismo, pois este ilustra também a “negação do outro como ser capaz de posicionar-se e tomar decisões” (*Idem*). A pregação é realizada para ouvintes, receptores que precisam entender a doutrina.

Logo, o pregador detém um conhecimento dogmaticamente conclusivo, como se o sermão não pudesse ser reescrito depois de professado – tal qual o discurso/dogma bíblico. O texto é visto como perfeitamente acabado por si só. No início do *Sermão da Primeira Oitava de Páscoa*, Vieira afirma que “historiador e pregador hei-de ser hoje: dobrada obrigação de dizer verdades” (VIEIRA, 2001, p. 99), atestando o *monologismo dialógico* ao creditar veracidade ao seu discurso e ao destacar a função de historiador que exercerá.

Nota-se isso, igualmente, no *Sermão da Primeira Domingo do Advento*: “(...) subir ao púlpito e não dizer a verdade é contra o ofício, contra a obrigação, (...); principalmente em mim, *que tenho dito tantas verdades*, (...), e *a tão grandes ouvidos* (ênfase adicionada)” (VIEIRA, 2001, p. 458). Ao final desse trecho, a expressão “a tão grandes ouvidos” evidencia também a já aludida condição de ouvinte do público de uma pregação.

A relevância gerada por isso na energização das críticas políticas expressas por Vieira em alguns sermões é incontestável. Por seguir o viés monológico, o sermão denunciatório não aplica a “necessidade da réplica e instauração de uma arquitetura da responsabilidade” (SILVA JR, 2010), aspecto essencial do *dialogismo*. Isso posto, e comparando ao modo como as críticas políticas são encaradas na contemporaneidade (esperadamente de forma dialógica, em que a sociedade se posiciona sobre o enunciador da crítica, sobre o seu conteúdo e sobre o ser em que recai), a voz da parenética vieiriana pode, novamente, ser entendida como enaltecedora de denúncias.

Cabe, doravante, determinar como a relação entre o conteúdo estrutural dos sermões, a fé religiosa, também exerce o papel de intensificador crítico.

Como exposto, quando Vieira procura dialogar com outras fontes de conhecimento em seus sermões, ele almeja concatenar elementos para produzir um peculiar monologismo. A referência constante aos dogmas cristãos representa um desses diálogos. Nesse caso, o jesuíta busca, constantemente, referências no Antigo Testamento. A partir de dados bíblicos, cria analogias e metáforas sobre qualquer tema que retrate. Com as críticas sócio-políticas não poderia ser dessemelhante: quando não associa diretamente os atos sociais que recrimina ao pecado e à marca do catolicismo de alertar os fiéis sobre as consequências da vida terrena na vida eterna, Vieira ainda procura embasar tacitamente sua crítica pela Bíblia.

No *Sermão da Primeira Oitava da Páscoa*, pregado na Capela Real, no ano de 1647 – e no qual, por haver uma quantidade significativa de trechos em que Vieira alude ao comportamento esperado dos governantes, a leitura rememora por vezes O *Príncipe*, de Maquiavel, quanto à temática – há um claro exemplo de embasamento religioso de críticas sócio-políticas. Ao discorrer sobre como o contentamento da sociedade portuguesa de sua época poderia ser atingido, Vieira faz denúncias. Dentre elas, há esta:

Os Portugueses não se contentam com se lhes dar o pão partido; há-se-lhes de dar todo o pão, sob pena de não ficarem contentes. Daqui se segue que nunca é possível que o estejam (...) Nunca tantas mercês fizeram em Portugal, como neste tempo; e são mais os queixosos, que os contentes. Por quê? Porque cada um quer tudo. Nos outros reinos com uma mercê ganha-se um homem; em Portugal com uma mercê, perdem-se muitos (VIEIRA, 2001, p. 105-106).

E esta, no mesmo sermão:

Conquistar a terra das três partes do mundo a nações estranhas foi empresa que os reis de Portugal conseguiram muito fácil e muito felizmente; mas repartir três palmos de terra em Portugal aos vassallos com satisfação deles, foi impossível, que nenhum rei pôde acomodar, nem com facilidade, nem com felicidade jamais (*Idem*, *Ibidem*, p. 106).

Constatando tais comportamentos e afirmando como os príncipes, os ministros e os vassallos devem agir, Vieira chega à conclusão de que, para haver contentamento de todos, “imitem nesta forma os ministros a Moisés, os vassallos aos Discípulos e os príncipes a Cristo (...)” (VIEIRA, 2001, p. 109). A crítica sócio-política é visivelmente fundamentada pela referência a personagens bíblicos cujos comportamentos são dotados de virtude, como o de Moisés, em cuja defesa dos egípcios os ministros deveriam se espelhar.

Essa comparação é forte intensificador crítico não só por implicitamente aludir à precária e desvirtuosa organização societária portuguesa, mas também por descrevê-la como herética em alguns pontos, já que nenhum dos três grupos citados (o dos príncipes, o dos vassalos e o dos ministros) seguia, à época, o que Vieira entendia como *moralmente* adequado. Em uma sociedade predominantemente religiosa, tal insinuação incita fortemente a mudança dos que são denunciados, já que o devir pós-morte católico é o alerta de que as ações em vida terrena devem ser livres de heresia.

A aproximação entre pecado, pós-morte e as críticas sócio-políticas vieirianas pode ser retratada também pelo *Sermão da Primeira Dominga do Advento*. Nele, Vieira defende a ideia de que tudo passa para a vida, mas nada passa para a conta (juízo final). Para defender tal argumento, descreve três parábolas. Ao discorrer sobre a parábola dos ofícios, afirma, citando São Paulo (monologismo dialógico!), que os homens devem obedecer aos seus superiores para em seguida indicar que são estes os responsáveis por todos os pecados cometidos por seus súditos. Vieira inclusive faz uso de um trocadilho ao ponderar que o rei, diante de Deus, será um réu (VIEIRA, [1655], p. 12-13). Vê-se isso em:

E que responderá já não rei, mas réu? Parece que poderá dizer: Eu, Senhor, bem conhecia que era obrigado a evitar os pecados dos meus vassalos, quanto me fosse possível, mas a minha corte era grande, o meu reino dilatado, (...); e como não podia estar em tantas partes, e tão distantes, na corte tinha provido os tribunais de presidentes e conselheiros, (...). E estes que elegestes (dirá Deus) por que os elegestes? Não foram alguns por afeição e outros por intercessão, e outros por adulação, e outros por ruim e apaixonada informação? E os que ficaram de fora com mais conhecido merecimento, por que os excluístes? (*Ibidem*, p. 13).

Esse trecho basta para exemplificar o quão tenaz a crítica que Vieira faz aos governantes (e às suas respectivas escolhas) acaba se tornando mediante menção à divindade. O poder régio, que na época era fundamentado teologicamente (rei como representante divino), não escapa de sua responsabilidade político-religiosa. Vieira soube trazer isso à tona: revelando claro descontentamento com o modo como os reis faziam uso de seu poder, faz questão de recordar que a representação de Deus na Terra acarreta consequências comportamentais sérias, e não apenas benefícios de mando. Assim, o jesuíta alerta para uma possível tirania em nome de Deus¹ e a necessidade de evitá-la.

¹ Para melhor compreensão de como Vieira acreditava que o monarca deveria agir, ver *A majestade do monarca: justiça e graça nos sermões de Antônio Vieira* (SANTOS, 2010). Nessa tese, explicitam-se os usos da graça e da mercê e o papel deles na construção de uma justiça conciliadora de opostos. A questão da tirania também é abordada.

É em Deus, portanto, que Vieira encontra o principal argumento de autoridade para expor denúncias, de modo que o diálogo com a Bíblia se torna o mais precioso para a construção do monologismo recorrente. Afinal, a divindade não é somente fonte de amor, mas também de temeridade². A construção do mito da vida eterna, por exemplo, é uma das fontes desse temor. Tem-se, assim, o cenário perfeito para o que pode ser chamado de dogmatização crítica. Em outras palavras, as denúncias adquirem a roupagem de princípios da própria Igreja: tornam-se indubitáveis, agregam noções do campo semântico religioso (ideia de pecado, por exemplo) e são justificadas pela Sagrada Escritura, mediante analogismos.

Sobre a temeridade, cabe ainda um adendo. Ao estudar os vieses oficial e não oficial da cultura da Idade Média, cujo modo de compreender e validar a religiosidade ecoa em Vieira, Bakhtin afirma, a partir de Rabelais, que “as características essenciais da Idade Média oficial foram levadas ao seus limites na imagem do inferno, espécie de condensação da seriedade lúgubre inspirada pelo medo e pela intimidação. (...)” e que “a verticalidade da ascensão e da queda triunfava” (BAKHTIN, 2008, p. 346).

Essa constatação do autor russo ajuda a entender como o temor provocado pela religião é valioso para acusações e denúncias: nelas subjaz a concepção vertical de céu e inferno e a possibilidade de qualquer fiel se destinar ao último. No seguinte trecho, as noções de temeridade, de vida eterna, de destino da alma, além de dialogismo (gerado pela referência a personagens históricas) são organizadas com acurácia por Vieira:

Alexandre Magno, e Júlio César foram senhores do mundo; mas as suas almas agora estão ardendo no Inferno, e arderão por toda a eternidade. Quem me dera agora perguntar a Júlio César e a Alexandre Magno, que lhes aproveitou haverem sido senhores do mundo, e se acharam que foi bom contrato dar a alma pelo adquirir. Alexandre, Júlio, foi bom serdes senhores do mundo todo, e estardes agora onde estais? Já que eles me não podem responder, respondi-me vós. Pergunto: Tomaréis agora algum de vós ser Alexandre Magno? (VIEIRA, 2001, p. 456)

Ademais, vale notar como o texto bíblico atende aos propósitos denunciativos de Vieira quando se analisa a sua estrutura textual. Segundo Erich Auerbach, em *Mimesis*, ao estilo homérico, que revela um texto cujos temas e sequência de fatos são ligados sem interstícios, contrapõe-se o estilo bíblico. Para o autor, este, em contrapartida, apresenta “realce de certas partes e escurecimento de outras, falta de conexão, efeito sugestivo (...)”, além de “multivocidade e necessidade de interpretação” (AUERBACH, 1971, p.20).

² Em *O auto da festa de São Lourenço*, de José de Anchieta, no quarto ato, há a personificação do amor e do temor de Deus. O papel deste é alertar os fiéis sobre as consequências de atos levianos.

Desse modo, ao utilizar as escrituras na construção dos seus argumentos, Vieira tem liberdade para atuar interpretativamente sobre elas, preenchendo os interstícios que nelas há e concedendo-lhes o significado cabível de acordo com o seu viés analítico. É o texto que demanda essa atividade, de modo que o pregador não o estará denegando ao recorrer à exegese. Consequentemente, tal possibilidade de atuação sobre o texto reverbera na edificação do monologismo dialógico: o pregador faz uso de elementos intertextuais e da sua interpretação para expor, ao professar, algo pronto, acabado, delimitado e sem frinchas, pois as que existiam são preenchidas pela sua atividade exegetica.

O sermão da Primeira Domingo do Advento comprova esse papel de Vieira. Partindo de um versículo da Bíblia (“O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não passarão”, Mt 24, 35), discorre sobre o pós-morte, imbuindo de significados essa passagem e tantas outras, como a parábola dos ofícios abordada acima. Essa atividade do pregador pode ser entendida como um exercício de atualização do texto à sua realidade.

Para agregar melhor os componentes do pregar vieiriano que caracterizam o sermão como intensificador crítico, dando continuidade ao tema deste trabalho, cabe referência à teoria da performatividade de John Austin. Defendendo a linguagem como ação, Austin contrapôs-se ao caráter meramente descritivo que os enunciados desempenhariam. A fala é uma forma de agir sobre a realidade. Ao fazer denúncias, Vieira não descreve, simplesmente, o contexto em que se insere, mas age sobre ele, procurando modificá-lo. No púlpito, o jesuíta mostra o *engajamento do corpo* e certa *teatralidade* (ZUMTHOR, 2007, p.18), elementos performáticos que engrandecem a voz e sua ação, emanadas do pregador através dos sermões.

Quando se verificam as condições de sucesso dos performativos elencadas por Austin, associadas aos sermões, fica mais claro como os conhecimentos retórico, verbal e contextual de Vieira trabalham a favor de suas denúncias.

Para um performativo ser pleno, há três condições básicas a serem seguidas. Para o objetivo deste trabalho, basta citar a primeira, a qual denota a importância de determinadas pessoas, circunstâncias e convenções para um ato ser bem sucedido. Trocando a miúdos, como a enunciação de uma sentença visa a um efeito, é fundamental que ele seja produzido pela pessoa certa, recaia apropriadamente em outra e seja realizado em alguma circunstância em que o ato seja entendível, convencional (FIORIN, 2004, p. 171).

No *Sermão da Primeira Domingo da Quaresma*, pregado na cidade de São Luís do Maranhão, no ano de 1653, e no *Sermão da Epifania*, pregado na Capela Real no ano de

1662, essa condição é evidente. Em ambos, primeiramente, Vieira acredita ser a pessoa apta para criticar, pois se crê possuidor da verdade, como já foi exposto em exemplos anteriores acerca do monologismo. Em ambos, a crítica recai apropriadamente sobre aqueles que constituem o público da pregação: no sermão pregado no Brasil, os denunciados são os colonos que mantêm índios cativos; no sermão pregado em Portugal, a corte é incitada a auxiliar os jesuítas quanto à evangelização em terras americanas.

São palavras criticamente sócio-políticas direcionadas aos colonos, no Brasil: “Sabeis, cristãos, sabeis nobreza e povo do Maranhão, qual é o jejum que quer Deus de vós esta Quaresma? Que solteis as ataduras da injustiça, e que deixeis ir livres os que tende cativos e oprimidos” (VIEIRA, 2001 p. 459). De mesmo teor, são palavras dirigidas à corte de Portugal: “Naquele tempo andavam os Portugueses sempre com as armas às costas contra os inimigos da Fé, hoje tomam as armas contra os pregadores da Fé (...)” (VIEIRA, [1662]). Nessas citações, notam-se denúncias relativas à escravidão e à falta de apoio à pregação, respectivamente.

Isso evidencia como os locais onde cada sermão é pregado guiam os atos de fala, o agir de Vieira, pois a denúncia não está descontextualizada ou direcionada àqueles nos quais não haverá efeito algum.

Aliás, mais uma vez o monologismo dialógico está presente. Nesse caso, por dois motivos. O primeiro deles se refere ao fato de Vieira estar atento a quem o seu texto se destina, ponto cuja essência é dialógica por indicar uma relação intersubjetiva entre escritor e ouvinte (BRANDÃO, 2001, p. 246.). O segundo diz respeito ao modo como o jesuíta faz uso desse recurso: o contexto é mais um afluente do rio monológico vieiriano; ele reverbera o tom impactante e dogmático das palavras. A contextualização é, por conseguinte, mais um item dialógico subordinado ao monológico.

Outros termos de Austin clarificam esse ponto. São eles: ato locucional, ato ilocucional e ato perlocucional. O primeiro corresponde à enunciação fonética de uma sentença. O segundo, aos atos presentes na própria linguagem, que seriam o pregar imbuído das denúncias e das críticas sociopolíticas (o pregar-denunciar, o pregar-criticar), para o tema aqui em foco. O terceiro, por sua vez, refere-se ao efeito do enunciado sobre o interlocutor para o qual ele é proferido (FIORIN, 2004, p. 173).

É na busca desse efeito crítico que reside o aspecto mais importante da ação performativa da fala. O aspecto denunciativo supera, assim, a descrição e a ação ineficiente, tornando-se uma ação direcionada pelo contexto e, por esse motivo, eficiente. O ato

perlocucional vieiriano atinge, desse modo, seu objetivo: se não incita mudanças imediatas, traz à tona a temeridade ante o pós-morte, o que já é um efeito significativo por si só. Portanto, assumindo o sermão como discurso gerador de efeitos que, “no plano da oratória, designa a elocução pública que visa a comover e persuadir ou convencer” (MOISÉS, 2002, p. 125), seu uso como artifício de intensificação crítica é bastante útil para Vieira.

Seguindo essa temática, o ato perlocucional advindo da pregação do *Sermão da Primeira Domingo da Quaresma* deve ser destacado. São palavras do Rev. Padre Gonçalo Alves sobre essa pregação:

Repasado de nobre e austera eloquência, este supremo discurso alcançou um máximo triunfo – a liberdade dos escravos mal havidos concedida pelos senhores injustos e cruéis daquela colônia portuguesa. Neste sermão Vieira atingiu o supremo ideal do perfeito orador: vencer e conquistar o ânimo alheio. (ALVES, 1959, p.1).

Tal trecho exemplifica um efeito da ação vieiriana de denunciar, pois houve a libertação de escravos mal obtidos, o que ilustra a capacidade transformacional das palavras sobre a realidade. Essa observação do Pe. Gonçalo atesta, então, o poder de criticidade intrínseco ao discurso sermonístico, além da comprovação da teoria de Austin de que *a linguagem é ação, é uma forma de agir no mundo* (FIORIN, 2004, p. 173).

Sendo assim, que não seja diminuída a importância do *pregador* para a construção denunciatória. É ele, na verdade, o cerne desse processo, pois é quem articula os elementos dialógicos embaixadores do monologismo, quem cria a voz do sermão (que se funde com a sua no momento de proferi-lo performativamente), quem contextualiza as críticas e quem procura agir para alterar beneficentemente a realidade aflitiva. Nas palavras de Alfredo Bosi, “no fulcro da personalidade do Padre Vieira estava o desejo da ação. A religiosidade, (...) e a perícia verbal serviam, nesse militante incansável, a projetos grandiosos, (...), mas todos nascidos da utopia contra-reformista (...)” (BOSI, 2006, p.44).

Essa descrição ilustra novamente como os atos de fala denunciais em Vieira seguiam um dos aspectos austinianos de validade do performativo: a enunciação do ato por uma pessoa adequada. Nada mais apropriado para tal do que um jesuíta que acreditava na mudança, bem como na sua indispensabilidade. As notas biográficas sobre Vieira comprovam sua índole engajada, como a citação anterior.

Desse modo, o papel de pregador e o sermão concatenam-se em Vieira, de modo que o resultado dessa relação para os questionamentos sociopolíticos foi exposto neste trabalho ao serem destacados o monologismo dialógico, a fé religiosa e os atos de fala

como intensificadores críticos, com destaque para o primeiro, o qual abarca os demais. A presença do monologismo dialógico, vale destacar, atesta ainda o poder de oratória de Vieira, já que elementos diversos são agrupados com coerência para que se atinja um objetivo performático. Por isso, foi lançada anteriormente a metáfora: rio monológico e afluentes dialógicos. Essa é a configuração do sermão em Vieira.

Referências bibliográficas

ALVES, Gonçalo. In: *Obras completas de Padre Antônio Vieira*. Volume 1. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1959.

AUERBACH, Erich. **A cicatriz de Ulisses**. In: *Mimesis : a representação da realidade na literatura ocidental*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1971. pp. 1-20.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo – Brasília: Hucitec, Editora UnB, 2008. 417 p.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 45. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. pp. 43-46.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Escrita, leitura, dialogicidade**. In: BRAIT, Beth. (Org.) **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Ed Unicamp, 2001. 385 p

FIORIN, J.L. **A linguagem em uso**. In: FIORIN, J, L. (organizador). **Introdução à Linguística I. Objetos Teóricos**. São Paulo. Contexto, 2004.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 11. ed. São paulo: Cultrix, 2002. Páginas 125, 126, 127, 231, 232 e 418

SANTOS, Marcelo Tadeu dos. **A majestade do monarca: justiça e graça nos sermões de Antônio Vieira (1953-1962)**. 2010. 178 p.; Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em História, 2010.

SILVA JUNIOR, Augusto Rodrigues da. **Literatura e cultura: o complexo problema do dialogismo e a metodologia do sistema crítico polifônico de Mikhail Bakhtin**. Ano: 2010. Disponível em: <<http://textosgege.blogspot.com/search/label/Augusto%20Rodrigues%20da%20Silva%20Junior>>. Acesso em: 04 de dezembro de 2010, às 08h26.

VIEIRA, Antônio. **Sermão da Primeira Domingo do Advento (1655)**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/fs000007.pdf>>. Acesso em: 28 de novembro de 2010, às 15h02.

_____. **Sermão da Sexagésima (1655)**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000034.pdf>>. Acesso em: 28 de novembro de 2010, às 15h10.

_____. **Sermão da Epifania (1662).** Disponível em: <<http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/BT2803065.html>>. Acesso em: 09 de dezembro de 2010, às 19h21.

_____. **Sermão da Primeira Dominga da Quaresma (1653).** In: VIEIRA, Antonio; PECORA, Alcir (Organizador). **Sermões.** São Paulo: Hedra, 2001. 2 v. pp. 453-466.

_____. **Sermão da Primeira Oitava de Páscoa (1647).** In: VIEIRA, Antonio; PECORA, Alcir (Organizador). **Sermões.** São Paulo: Hedra, 2001. 2 v. pp. 99-116.

ZUMTHOR, Paul. **Perfomance, recepção, leitura.** São Paulo: Cosac Naify, 2007. 125 p.